

Até aos 11 anos, ela jamais saíra da sua aldeia.
Nove anos depois, era a vencedora de Wimbledon
— e a favorita dos tenistas de todo o mundo

A Incrível Jornada de Evonne Goolagong

HARRY GORDON

UM DOS MELHORES artigos que o extravagante bazar do tênis internacional hoje tem para oferecer chama-se Evonne Goolagong e tem 20 anos de idade. Aborígene australiana, essa campeã de Wimbledon é o primeiro membro de uma raça antiga e trágica a participar de tênis de competição.

Os Goolagong — ela tem mais seis irmãos — são a única família aborígene de Barellan, aldeia de 450 habitantes na Nova Gales do Sul. A cerca de 600 quilômetros de Sidney, da qual a separa uma planície de terra vermelha, coberta de capim alto e povoada por cangurus e cacatuas, no limite de uma área fértil de produção de frutas, irrigada pelo Rio Murrumbidgee, Barellan é um importante centro tritícola.

Ken Goolagong, o pai, que vive de colher frutas, tosquiar ovelhas, semear trigo e negociar com ferro-

velho, não sabe o que o seu sobrenome significa — embora o treinador de Evonne acredite que a tradução seja «árvores altas e águas quietas». Seu passado tribal ficou perdido no tempo, e ele o prefere assim. Não é analfabeto, tem amigos no bar da aldeia e joga golfe regularmente. «Nem penso nisso de ser aborígene», diz ele. «Não tenho razão para isso. Por que seria revoltado? Tenho tudo o que quero.»

Evonne Goolagong pensa igual. É uma garota inocente, feliz e sem complicações, que só quer jogar tênis, aparentemente sem se preocupar com os problemas raciais e políticos que se misturam ao esporte. Fica aborrecida quando jornalistas fazem perguntas sobre a sua cor. «É como se a única coisa importante fosse o fato de eu ser aborígene. Claro que tenho orgulho da minha raça, mas não quero ter de pensar nisso o tempo todo.»



Além do fato de a sua própria família não se identificar muito com a sua condição aborígine, há ainda duas razões por que Evonne Goolagong não se interessa mais ativamente pelos problemas do seu povo ancestral: toda a sua jovem mente foi dedicada ao aperfeiçoamento do seu tênis e, desde os 14 anos, ela vive como membro de uma família branca, num dos melhores bairros de Sidney. É uma garotinha flexível e elástica, de pele cor de terracota, com um temperamento agradável, dentro ou fora da quadra. Ri sozinha quando perde um lance, jamais se irrita com os juizes de linha e parece pedir desculpas quando acerta uma bola irresponsível. «É uma das pequenas mais simpáticas que já vi jogar», diz Frank Sedgman, ex-campeão de Wimbledon.

Para Evonne Goolagong, o sonho começou no seu 8.º aniversário, quando ganhou de presente uma raqueta de tênis. Ela demonstrara talento para corridas, saltos e jogos de bola — mas o tênis a fascinava. «O engraçado», diz a mãe, «é que, quando Evonne era bebê, meu pai comprou um carro de segunda mão. Quando levantou o assento traseiro, estava cheio de bolas de tênis. Evonne já brincava com elas antes de andar ou falar.»

Mais tarde, com uma raqueta de madeira, ficava batendo bola numa parede. Quando o pessoal parava de jogar, no clube de tênis de Barellan, ela tomava uma raqueta emprestada e ficava brincando. Cha-

mou a atenção do presidente do clube, Bill Kurtzmann, que costumava dar-lhe lições, e um dia levou-a para jogar na quadra das crianças. No ano seguinte, quando apareceu na região um grupo ambulante de treinadores de principiantes, Kurtzmann a fez tomar aulas. Um ano depois, apareceu outro grupo de treinadores, e Evonne foi «descoberta».

Esse grupo era dirigido por Vic Edwards, diretor de uma escola de tênis de Sidney, fundada em 1921 por seu pai. Edwards tem uma atitude quase missionária em relação ao tênis. Com 4.000 alunos permanentes em sua escola, ele tem uma justa reputação como descobridor de talentos: foi ele quem lançou os futuros ases Bob Hewitt (aos 12 anos), Fred Stolle (aos 17), Martin Mulligan (aos 15) e John Newcombe, quando esse campeão tinha nove anos. Colin Swan, um dos seus auxiliares, diz que o que se procura nos jovens jogadores é um sentido da bola, uma certa graça e habilidade para mover-se facilmente, quase sem pensar, em direção à bola. «Se tiverem essa qualidade básica, ainda precisarão de muito treino e muita aplicação; mas, sem ela, jamais chegarão a ser grandes.»

Foi Swan quem primeiro viu Evonne Goolagong, em Barellan, e ficou impressionado o bastante para telefonar ao seu chefe e sugerir-lhe que observasse a menina. Ela simplesmente «flutuava na quadra», lembra Swan. «Tinha aquele talento natural que a gente só encontra

a longos intervalos. Ela não sabia bater, é claro, mas estava sempre no lugar certo, por instinto, sem pensar.»

Edwards foi a Barellan, viu a menina jogar e perguntou-lhe o que queria ser quando crescesse. Enfermeira, talvez, disse ela, mas ainda não havia pensado nisso. Edwards orientou-a sobre como colocar-se melhor na quadra e aconselhou-a a bater bola com o irmão, dois anos mais velho, o mais que pudesse. No ano seguinte talvez a inscrevesse em alguns torneios regionais. «Estava realmente querendo ver se ela continuaria», diz Edwards.

Nos 12 meses que se seguiram, Kurtzmann fez vários jogadores mais velhos enfrentarem Evonne. Ela amadureceu bastante, e estava esperando quando Vic Edwards chegou, no verão. Ele pediu aos pais que a deixassem passar as férias com ele, em Sidney. Concordaram, e ela viajou com um guarda-roupa novo oferecido pelos habitantes de Barellan. Era uma garota magrinha e bonitinha, os cabelos em cachos e uma tendência para baixar a cabeça e falar baixinho respondendo a adultos. Chegou às semifinais no primeiro torneio em que tomou parte e tornou-se grande amiga de Patricia, filha de Edwards.

Nos dois verões seguintes, Evonne passou as férias em Sidney. Aos 12 anos, começava a chamar a atenção do país, em parte porque nenhuma aborígene jamais disputara torneios importantes, mas principal-

mente pelo seu talento e força. Em janeiro de 1965, ganhou o campeonato da Nova Gales do Sul para menores de 15 anos. Na Páscoa desse ano, fez dupla com o jogador internacional Owen Davidson e obteve uma vitória em Albury, na Nova Gales do Sul. Depois do jogo, Davidson declarou: «Acabo de jogar com uma futura campeã de Wimbledon!»

De volta a Barellan, Evonne disputou e ganhou no colégio provas de salto em altura e corridas, mas passava a maior parte do tempo batendo bola na parede e sonhando com um mundo onde se jogava tênis o dia inteiro. Para Vic Edwards, era cada vez mais óbvio que, para transformar-se numa verdadeira campeã, Evonne teria de abandonar de vez o ambiente limitado e sem ambições da aldeia. Conversou com os pais dela e tornou-se o seu tutor legal. Pelos próximos três anos, os habitantes de Barellan ajudariam a sustentá-la na capital.

O aprendizado intensivo de Evonne Goolagong, depois que foi viver com a família de Vic Edwards, não se limitava a fazer dela uma campeã de tênis. O técnico queria que ela falasse bem e soubesse o bastante para conviver num mundo sofisticado de viagens internacionais. Depois das aulas no Ginásio Willoughby, em Sidney, ela frequentava classes de locução e boas maneiras. Edwards queria também que a sua pupila tivesse outra profissão, além do tênis; assim, quando ela terminou o ginásio, ele matri-

culou-a num curso de Secretariado.

Na quadra, a capacidade de aprimoramento de Evonne parecia ilimitada. Em três anos, venceu todos os torneios em que tomou parte, e, aos 16 anos, Edwards já achava que em 1974 ela ganharia em Wimbledon. Em 1970, achou que estava pronta para jogos internacionais, e a fez jogar na Inglaterra, Holanda, França e Alemanha. Ela venceu sete dos 21 torneios em que tomou parte, mas foi batida rapidamente, na sua primeira tentativa em Wimbledon, pela americana Peaches Bartkowics e por um inusitado ataque de tremedeira.

De volta à Austrália, logo ficou claro que só uma mulher era melhor que ela — a poderosa Margaret Court, que acabara de fazer história vencendo no mesmo ano os campeonatos da França, Estados Unidos, Austrália, e mais Wimbledon. Margaret Court era, há muito, o ídolo de Evonne. Uma das fotos mais apreciadas na sua casa, em Barellan, mostra Evonne, aos 12 anos, olhando com ar de adoração para Margaret, então com 20 anos. A hora de Evonne chegou em 1970, no torneio de Victoria, quando bateu a veterana Margaret por 7-6, 7-6. A Sr.^a Court aceitou mal a derrota, dizendo que havia jogado fora da sua melhor forma. Mas, semanas mais tarde, na final do campeonato australiano, somente câibras impediram que Evonne repetisse a dose: estava vencendo o *set* decisivo por 5-2, quando teve as câibras. Margaret Court venceu os cinco

games seguintes — e com eles o jogo.

Em março do ano passado, um convite aceito para visitar a África do Sul causou consideráveis controvérsias na Austrália. Escrevendo em *The Australian*, o jornalista aborígene John Newfong apelava para que não fosse. «Ninguém está dizendo que não tem direito ao prestígio, à honra e à glória que receberá», escreveu ele. «Mas o que nós, seus irmãos australianos negros, dizemos é que ela, moralmente, não tem o direito de permitir que esse prestígio seja usado contra os nossos interesses.» Evonne respondeu: «Vic Edwards exigiu dos organizadores que eu fosse tratada como qualquer jogadora, em qualquer parte do mundo. Não quero falar em *apartheid*. Vou à África do Sul para jogar tênis e conhecer o país.» Disse Edwards: «Se vierem com tolices, em dois minutos fazemos as malas e caímos fora.»

Não tiveram de fazer as malas. Durante e depois da viagem, Evonne disse que o tratamento recebido foi maravilhoso. Mas por que fez essa viagem e participou de torneios que não estão na primeira categoria do tênis internacional? Evonne diz apenas que seu treinador aconselhou-a a ir; até hoje, ela jamais discutiu uma decisão dele. Com certeza, três fatores influenciaram Edwards: Evonne acabara de formar uma dupla permanente com Margaret Court, e Margaret tencionava ir; a viagem era uma oportunidade de adquirir experiência internacional, sem maiores responsabilidades, e a

garota precisava disso e de competir no exterior; era também uma oportunidade para Evonne ganhar algum dinheiro em exhibições.

Depois de ela ter ganho o campeonato francês, em 1971, e de ter esmagado Margaret Court nas finais de Wimbledon, por 6-4, 6-1, cabe perguntar até que ponto Evonne Goolagong é boa jogadora. Ela prefere jogar no fundo da quadra, lembrando Ken Rosewall. Como Rosewall, seu *backhand* é clássico, visando às linhas laterais, com efeito, para mantê-lo baixo. Isto e o *volley* são as suas melhores armas. Mas a sua maior característica é a de bater *forte* qualquer bola, tentando fazer ponto mesmo nos serviços mais difíceis. «Ela pode estar perdendo 0-40, aparentemente derrotada, que continuará tentando», diz Margaret Court. «Simplesmente se recusa a jogar um tênis tímido, defensivo, e nunca se sabe para onde devolverá a bola.»

Contra adversários fracos, Evonne impõe um ritmo calmo, aproveitando para aperfeiçoar jogadas que não estão saindo a seu gosto. Nessas partidas, às vezes perde a concentração. Edwards diz que ela «está zanzando» — numa referência carinhosa à tendência dos aborígenes para sonhar de olhos abertos. Edwards percebeu cedo essa tendência, e considera-a o maior defeito de Evonne, além da necessidade de tornar o seu jogo mais decisivo. Ele acha que só em 1974 ela terá atingido todo o seu potencial.

Evonne com certeza ganhará mais

dinheiro que a maioria das tenistas. Na categoria em que disputa, pode receber dinheiro abertamente. Na tournée de 1971, que começou praticamente desconhecida, ganhou 29.000 dólares, e deverá logo estar ganhando mais de 85.000 dólares por ano. Os especialistas calculam que Evonne poderá ter economizado 100.000 dólares antes de completar 21 anos — e, como Rod Laver, ser milionária aos 30. Edwards não recebe nada do que ela ganha. Sua escola de tênis já é a maior da Austrália, e a publicidade em torno de Evonne deverá fazê-la maior ainda. Suas despesas de viagem são pagas pelos organizadores dos torneios de que Evonne participa e parte do dinheiro dela está investido em imóveis.

Evonne Goolagong é hoje uma pequena tranquila, simpática, que ouve música pop, adora discotecas, hot pants e roupas modernas. Gosta de rapazes, mas só socialmente. «Namorar não combina com todo esse tênis que eu tenho de jogar.»

Exceto pelas suas visitas anuais à família, seus laços com Barellan tiveram de ser inevitavelmente cortados. Sua autoconfiança e autoridade aumentam constantemente, e há pouca dúvida de que, nos próximos anos, deverá diminuir a sua dependência em relação a Vic Edwards. Os caminhos de Evonne Goolagong, nos próximos anos, principalmente a atitude em relação ao seu próprio povo, oferecem algumas das perspectivas mais curiosas no mundo esportivo.